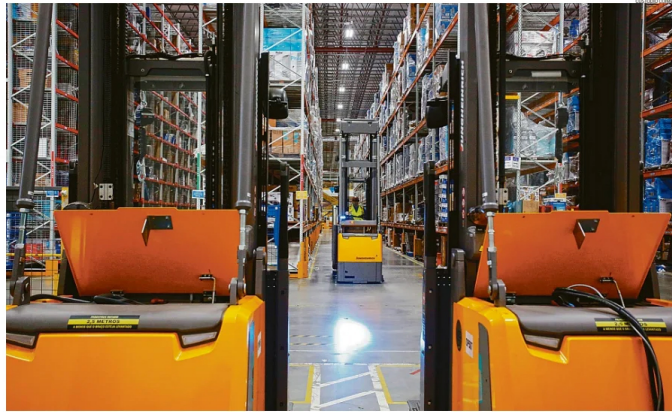


NOVOS EQUIPAMENTOS

Importação de máquinas bate recorde com mais investimentos nas empresas



Na esteira do e-commerce. Empilhadeiras no centro de distribuição da Amazon em São João de Meriti, à margem da Via Dutra, na Baixada Fluminense: equipamentos estão entre os mais importados no ano

VINÍCIUS NEIDER
vinicius.neider@globo.com

A importação de bens de capital, como máquinas, equipamentos, caminhões e ônibus, bateu recorde nos 11 primeiros meses do ano, com US\$ 32,5 bilhões (R\$ 198 bilhões), salto de 21% ante o mesmo período de 2023, mostram os dados mais recentes da balança comercial brasileira. Reflete o crescimento dos investimentos no país apontado pelo IBGE no PIB do terceiro trimestre, na semana passada, mas também dá sinais de substituição de maquinário nacional por importado, com avanço de fabricantes da China.

O fluxo se mantém forte, mesmo com o dólar acima dos R\$ 6. A compra de maquinário no exterior é puxada tanto pela retomada de obras de infraestrutura, de rodovias a saneamento, quanto por ciclos de algumas atividades, como comércio eletrônico, mineração, energia solar e eólica, apontam executivos especialistas. Levantamento da empresa de comércio exterior Comexport, obtido pelo GLOBO, aponta quais máquinas vêm aparecendo mais nessa pauta.

É o caso de empilhadeiras e plataformas usadas na movimentação de mercadorias, na esteira do boom do e-commerce. Em 2024, até outubro, a importação desses itens somou US\$ 699 milhões, mais que o dobro de todo 2021.

GANHO DE EFICIÊNCIA
Quando iniciou sua operação no Brasil, em 2019, a Amazon tinha um centro de distribuição, em Cajamar (SP). Hoje, tem dez. O de São João de Meriti, na Baixada Fluminense, conta com 30 empilhadeiras para cobrir seus 30 mil metros quadrados. Para a unidade do Recife, inaugurada este ano, a multinacional comprou cem máquinas para 70 mil metros quadrados.

O maquinário é todo importado, da marca alemã Jungheinrich. A tecnologia dos modelos oferece ganhos em segurança e eficiência à operação com baterias de lítio de rápido carregamento e transmissão de informações sobre localização, tempo de uso e eventuais falhas por telemetria para um sistema centralizado. Essas empilhadeiras são capazes de depositar paletes inteiros carregados de produtos grandes e pesados, de ven-

tiladoras a ração de animais, em prateleiras que chegam a dez metros de altura. Depois, levam os operadores até elas para retirar mercadorias pedidas pelos clientes, sem precisar descer todo o conjunto.

Tiago Lopes, líder regional de Segurança do Trabalho na Amazon do Brasil, conta que empilhadeiras ainda mais modernas no centro pernambucano são dotadas de um sistema de VNA (sigla para "corredor muito estreito", em inglês); elas se locomovem guiadas por um fio magnético no chão, que funciona como um "trilho". Isso permite reduzir o espaço entre as prateleiras de 3,3 para 2,2 metros e aumentar a capacidade de estoque.

— Essa máquina entra na rua" justinha e não tem risco de bater em nada, porque só anda guiada. Isso aumenta a produtividade. Aqui (em Meriti), temos 16 "ruas" (entre as prateleiras) e teríamos 24 com essa tecnologia — diz Lopes. Também se destacam nas importações os chamados caminhões fora de estrada, usados na mineração. As compras no exterior desses veículos gigantes, que podem carregar 240 toneladas de material e cujas rodas chegam a 3 metros,

MAQUINÁRIO QUE VEM DE FORA



Importação de bens de capital atinge, no acumulado de janeiro a novembro, o maior valor para o período, prestes a bater recorde anual



Variação (ante igual período do ano anterior, em %)

Ano	Variação (%)
2013	3,3
2014	-9,8
2015	-21,0
2016	-21,2
2017	-8,0
2018	41,1
2019	7,6
2020	-6,8
2021	0,8
2022	15,2
2023	5,3
2024*	20,9

AVANÇO DA CHINA

(Em % do total)



*Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, e Comexport, consultado da Secex.

por empresas brasileiras somam US\$ 4,1 bilhões até outubro, mais que em todo 2023.

A demanda vem de projetos de expansão de minas, como o P15, da CSN Mineração, que receberá R\$ 15,3 bilhões de 2023 a 2028, em Itabirito (MG). Do aporte total, R\$ 750 milhões vão para máquinas e equipamentos, informou a mineradora ao GLOBO. Apenas esse projeto acrescentará sete caminhões fora de estrada à frota da empresa, hoje com 64. Até 2034, serão mais 25.

Na construção civil são os caminhões guindaste que estão vindo de fora. Eles são usados na indústria de petróleo e gás e para a manutenção em parques eólicos, permitindo alçar e alcançar peças a mais de cem metros de altura.

DEMANDA DE CONCESSÕES

A expansão de geração eólica no Brasil nos últimos anos ampliou a demanda por manutenção dos aerogeradores, atraindo empresas especializadas nesse serviço, conta Francisco Silva, diretor técnico regulatório da Associação Brasileira de Energia Eólica (Abreeólica). Os guindastes são comprados por essas prestadoras — como New Wind e Iqony Solutions — ou por locadoras de maquinário.

— Projetos que entram em operação em 2014 ou 2015, em torno de dez anos, começam agora um processo de retrofit (renovação) — diz Silva.

Também está em alta a importação de perfuratrizes e pavimentadoras de asfalto, usadas em obras de rodovias, e de tratores e escavadeiras, empregados em projetos como os de concessões de saneamento, demandas da iniciativa privada, observa Breno Oliveira, diretor comercial da Comexport, que atende diferentes tipos de importadores.

Nesses setores, chama a atenção o avanço dos fabricantes chineses, como as gigantes XCMG e Sany. A primeira também fabrica caminhões fora de estrada e, em 2021, firmou um memorando com a Vale para o "potencial fornecimento de equipamentos", segundo nota da mineradora na época. Nesse mercado, ainda prevalecem fabricantes tradicionais, como americana Caterpillar e as japonesas Komatsu e Hitachi, mas os chineses avançam rápido com preços e financiamento competitivos.

— Em guindastes, em 2021, tínhamos 40% de europeus ou americanos. Hoje, estão só com 20%. O resto é chinês. O mercado compra mais da China porque eles estão com mais tecnologia — diz Oliveira.

Um executivo de uma construtora nacional que comprou uma perfuratriz da China para obras de saneamento, que pediu para não ser identificado, conta que o equipamento tinha qualidade técnica comparável a outras marcas, mas custou a metade do preço.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 17